



Música como salvação nacional

Projeto El Sistema da Venezuela reafirma força da música como alavanca para promoção social

Um dos mais importantes intelectuais de meados do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau – compositor, político e filósofo precursor do Iluminismo e do Romantismo –, passando por Veneza, assistiu a um evento na Ospedale della Pietà. Ao ouvir crianças órfãs, algumas abandonadas e outras com deficiências físicas tocando obras clássicas, orientadas por Vivaldi, escreveu: “Nunca vi nada mais emocionante em toda a minha vida”.

Sir Simon Rattle, titular da Filarmônica de Berlim, ao assistir à Orquestra Sinfônica Infantil Nacional da Venezuela, composta por crianças de 8 a 13 anos, certamente teve reação semelhante. É só vê-lo no YouTube regendo Mahler e obras de autores sul-americanos com essa orquestra no Festival de Salzburgo de 2013. De início, chega-se facilmente às lágrimas; em seguida, nos extasiamos com a qualidade da execução da música e a segurança com a qual as crianças se comportam diante de obras tão complexas e de um maestro tão importante num festival que reúne o supracumulado da música ocidental.

Parece que há muito tempo – e cada vez mais – o mundo se dá conta do poder terapêutico da música, seja para benefícios da alma, seja para a cidadania. Não só as crianças órfãs ou com deficiências físicas e mentais de Vivaldi eram recuperadas pela prática musical; aquelas que estudam instrumentos, canto, regência e composição na Venezuela, no projeto estatal El Sistema, são oriundas de comunidades carentes. O grande responsável pelo sucesso internacional desse projeto é o maestro José Antonio Abreu.

Fundado em 1975, El Sistema conta hoje com 120 orquestras juvenis, sessenta infantis e reúne aproximadamente 350 mil jovens músicos em 180 núcleos. Quando ocupou importante cargo público no governo, Abreu conseguiu carrear uma parte

das ações da companhia petrolífera da Venezuela para o projeto. Assim, com bons recursos à disposição, foi buscar grandes músicos internacionais – alguns deles recém-aposentados das maiores orquestras – para orientar seus jovens. Hoje, não só seu país está “musicalizado” no mais elevado nível, como em importantes orquestras do mundo encontram-se musicistas e maestros oriundos do El Sistema.

Em São Paulo, tivemos um projeto pioneiro semelhante na máquina pública quando Marcos Mendonça era secretário de Cultura (1995). Hoje, o Projeto Guri possui 360 núcleos de ensino e mais de 30 mil crianças participam dele. Mas essa ideia já proliferou em todo o país. E é com satisfação que assistimos ao sucesso de iniciativas semelhantes, como a do Instituto Baccarelli na favela de Heliópolis e a da Bachiana-Sesi de João Carlos Martins; o projeto Neojiba da Bahia, do pianista e maestro Ricardo Castro; no Rio, as orquestras jovens de Barra Mansa e a de Campos, esta patrocinada por Myrian Dauelsberg, e o projeto da favela Maré do Amanhã de Carlos Eduardo Prazeres; diversas iniciativas semelhantes em Pernambuco e na Paraíba, cuja semente fora plantada há anos pelo grande músico Alberto Jaffé; e tantos outros.

Algo positivo que se nota é que em nosso país grande parte desses projetos contam com apoio de empresas privadas. Semelhante ao que ocorre há muitas décadas nos Estados Unidos, os empresários brasileiros estão se dando conta de que investir em iniciativas dessa natureza gera um importante retorno institucional à imagem da firma. Estão vendo que existem muitas formas positivas de relacionar-se com a comunidade da qual vive a empresa, não apenas vendendo a ela bens de consumo materiais. Nesse momento, a música cai como uma luva e pode, sim, provocar uma revolução social, já que tem a capacidade, como nenhuma outra forma de expressão e criação, de tocar efetivamente nos extremos sensíveis de nossa personalidade. Se de um lado a música possui um componente feiticeiro – que nem Freud conseguiu explicar! – de seduzir, encantar e emocionar, de outro, por ser a mais racional e matemática de todas as artes, revela um componente disciplinador que atua positivamente na estrutura humana.

Quando o Projeto Guri foi implantado, criou-se um núcleo de ensino de música na Febem (hoje Fundação Casa). Em dado momento, por alguma razão interna, houve uma rebelião na instituição. Todas as dependências foram destruídas pelos jovens. Em meio às cenas horripilantes das ruínas em que haviam se transformado os edifícios, constatou-se algo absolutamente inusitado: o quartinho que abrigava os instrumentos musicais do Projeto Guri estava intato. Esse fato mostra que, nas profundezas da alma do delinquente mais rebelde que muitas vezes essa instituição absorve, existe um espaço oculto que abriga, em seu estado puro, a sensibilidade – um espaço civilizado, nobre.

Se a música teve a capacidade de identificar esse espaço, essa joia da alma humana, e influenciar o comportamento daqueles jovens, poderá, certamente, contribuir para desenvolver personalidades sadias, cidadãs. ♦



Orquestra Sinfônica Infantil Nacional da Venezuela, com Simon Rattle, no Festival de Salzburgo em 2013

DIVULGAÇÃO / SALZBURGER FESTSPIELE / SILVIA LELLI